

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: *BOM DIA CAMARADAS* E A ESPERANÇA DE DIAS MELHORES ATRAVÉS DO OLHAR INFANTIL

Joseana Stringini da Rosa¹

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: O primeiro romance do escritor angolano Ondjaki, *Bom dia camaradas* (2001), tem como cenário a cidade de Luanda na década de 1980. Trata-se de uma história sobre a infância e – embora classificado como um livro de ficção – é possível encontrar nele certo caráter memorialista. Este trabalho pretende analisar o olhar infantil do narrador e a proximidade entre ficção e realidade. A narrativa traz alguns fatos reais de um país que enfrentou uma violenta guerra civil, desde a sua independência. Uma das marcas do povo angolano é a esperança de dias melhores, um dos motes temáticos analisados neste trabalho.

Palavras-chave: Ficção e realidade; literatura africana; Ondjaki.

Abstract: The first novel of the Angolan writer Ondjaki, *Bom dia camaradas* (2001) is based on the city of Luanda in the eighties. The book is about childhood and, though it's classified as a work of fiction, it's possible to find a certain memoirist character in it. This article aims to analyze the narrator's childhood viewpoint and the proximity between fiction and reality. The narrative is based on real facts in a country that has been waging a violent civil war since its independence. The hope for better days is one of the characteristics of Angolans and one of the key themes analyzed in this article.

Keywords: Fiction and reality; African literature; Ondjaki.

1. Aluna do curso de Bacharelado em Letras – Português e Literaturas, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista voluntária do projeto de pesquisa *Ressonâncias e dissonâncias no romance lusófono contemporâneo: o imaginário pós-colonial e a (des)construção da identidade nacional*, sob a orientação do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós.

Introdução

Dois anos após a proclamação da Independência de Angola e do início da guerra e dos conflitos civis no país, em 1977, nascia, na cidade de Luanda, Ndalú de Almeida, que mais tarde ficaria popularmente conhecido como Ondjaki. A data talvez explique a escolha deste pseudônimo, já que, em *umbundu*, uma das línguas mais faladas em Angola, Ondjaki significa “guerreiro” ou “aquele que enfrenta desafios”. *Bom dia camaradas* é o primeiro romance de Ondjaki, lançado em 2001, pela editora Chá de Caxinde, de Luanda. Em 2003, é lançado pelo Editorial Caminho, de Portugal. Assim como a edição de Portugal, a edição brasileira também apresenta, em suas últimas páginas, um glossário com diversas palavras de línguas autóctones e expressões idiomáticas, de Angola. Um dos diferenciais desta publicação é o prefácio assinado pelo escritor brasileiro Luiz Ruffato em que é destacado, dentre outros pontos, o lirismo como uma marca que diferencia a literatura de Ondjaki, assim como as influências literárias do escritor, que podem ser vistas já nas epígrafes, de autoria do brasileiro Carlos Drummond de Andrade e do angolano Óscar Ribas. Além de ter sido finalista do prêmio *Portugal Telecom* (Brasil, 2007), *Bom dia camaradas* foi um dos livros de Ondjaki mais traduzido para outras línguas. Canadá, Cuba, Espanha, Itália, México, Sérvia, Suécia, Suíça e Uruguai são alguns dos países nos quais a obra foi traduzida e publicada.

O presente trabalho tem por objetivo analisar o olhar infantil do narrador, nascido numa Angola que convive com uma cruel guerra civil pós-independência. Trata-se, além disso, de demonstrar como a realidade é retratada no livro de Ondjaki, classificado como ficção. O estudo também pretende abordar uma das marcas do povo angolano, presente no livro: a esperança de dias melhores. Pretende-se ilustrar, com passagens narrativas do livro em discussão, a proximidade entre ficção e realidade, um certo caráter memorialista e a presença de marcas de uma Angola pós-independência.

I. “- Mas, Camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre?”

Bom dia Camaradas apresenta já em seu título uma referência aos cumprimentos e ao tratamento entre os personagens, no período de colaboração entre cubanos e angolanos, logo após a independência de Angola, em 1975. Já a história tem como cenário a cidade de Luanda, em meados dos anos 1980. Trata-se de uma história sobre a infância em uma Angola pós-independência, contada através do olhar do narrador-menino, não nomeado. Esse menino, que também é um dos personagens principais, é filho de um funcionário do governo, mais especificamente de um dos Ministérios. Às vezes vai à escola de carro, com o camarada João, motorista do Ministério. Em casa, além de telefone e água gelada – pois eles tinham geladeira, o que já configura um *status* econômico privilegiado para a família do narrador – a família também contava com a presença do camarada António, o cozinheiro.

Com uma visão infantil e de classe média, o menino narra os pequenos acontecimentos do seu cotidiano. O livro é repleto de histórias aparentemente comuns, como as festinhas e os lanches na casa de colegas, os passeios e a visita da tia, vinda de Portugal, e certos acontecimentos do ambiente escolar. Apesar de a história ser contada a partir de um olhar infantil e de ser permeado por fantasias, Ruffato explica, no prefácio, que

[...] como toda boa literatura, não é o que se conta o que importa, mas o como se conta: e aqui estamos em mãos seguras. Ondjaki consegue manter viva a narrativa, pela capacidade incomum de conseguir manifestar-se pelo narrador-menino, sem que isso, em nenhum momento, soe artificial ou forçado (RUFFATO, 2006, p. 12)

O encantamento pelo país e, principalmente, pela liberdade de Angola após anos de jugo colonialista português, também aparece na visão

desse narrador. A inocência, característica do mundo infantil, é mostrada logo nas primeiras páginas do livro, em uma das conversas entre o menino e o camarada António. Esse diálogo é marcado por uma mistura de encantamento e espanto com uma pitada de ironia:

- Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre? [...]

O camarada António respirava primeiro. Fechava a torneira depois. Limpava as mãos, mexia no fogo do fogão. Então, dizia:

- Menino, no tempo do branco isto não era assim... [...]

- Mas, António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tavam aqui a fazer o quê? [...]

- Ê!, menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa... tinha tudo, não faltava nada... [...]

- Mas ninguém era livre, António... não vês isso? [...] Não eram angolanos que mandavam no país, eram portugueses... E isso não pode ser... (ONDJAKI, 2006, pp. 17-18)

Vale lembrar que a República de Angola foi colônia de Portugal, e apenas alcançou a sua independência política em 11 de novembro de 1975. Viveu em guerra durante quarenta anos, e estima-se que quase um milhão de pessoas tenham sido mortas. Primeiro foi a luta contra os colonialistas, desde 1961. Após a independência, iniciou-se uma violenta guerra civil, que teve fim somente em 2002.

Embora seja classificado como um livro de ficção, pode-se depreender um “certo” caráter memorialista do texto. Muitas das histórias narradas foram vivenciadas pelo próprio autor. Ondjaki viveu nessa Angola que, após anos de guerra e conflitos, tentou (e tenta até hoje) se reestruturar. Uma Angola que viveu, desde a Independência, constantes conflitos e uma cruel guerra civil. O próprio autor mostra, já na orelha do livro, essa história que mistura as suas memórias com a ficção:

Tudo isto contado pela voz da criança que fui; [...] esta estória ficcionada, sendo também parte da minha história, devolveu-me memórias carinhosas. Permitiu-me fixar, em livro, um mundo que é já passado. Um mundo que me aconteceu e que, hoje, é um sonho saboroso de lembrar (ONDJAKI, 2006, 2ª capa)

Sobre a temática do livro, Ondjaki explica com clareza na entrevista concedida ao site *SaraivaConteúdo*, em julho de 2009: “as pessoas falam do livro pensando: ‘Ah é um livro sobre os anos 80, a questão ideológica...’ Não. É um livro sobre a infância. Só que a nossa infância em Luanda tinha muito de político e histórico, então é preciso se referir a esses aspectos”².

Ao longo do livro, o leitor depara-se com a inocência do menino, admirado por um país que, teoricamente, se diz independente e é governado por um angolano. Mostra-se orgulhoso de sua terra, mas, em algumas passagens, pode ser encontrada a preocupação com algumas questões como a falta de água e luz; o controle do consumo de alimentos, com os cartões de abastecimento; os desenhos de armas e as redações sobre a guerra feitas pelos estudantes; e os professores cubanos. Essas histórias não são contadas de maneira cruel e, sim, tal como se pode esperar de um narrador menino, contadas sutilmente, quase como algo comum ao seu universo infantil.

Essa sutileza pode ser encontrada no decorrer da narrativa. Junto dela vem a simplicidade e a naturalidade do menino diante dos fatos do cotidiano. Porém, em nenhum momento, o leitor irá se deparar com um texto simplista. As histórias, aparentemente banais, estão permeadas pelo lirismo de Ondjaki e pela delicadeza em narrar os acontecimentos. Isso pode ser percebido, por exemplo, nos cafés-da-manhã do menino ao enxergar o abacateiro, que se espreguiça ao amanhecer, no pátio de sua casa: “pela

2. Ondjaki. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Videos/Post/430_56>. Acesso em 06 set. 2012.

janela enorme entrava luz, entrava o som dos passarinhos, [...] entrava o som do guarda a pousar a aká [arma AK-47] porque ia se deitar [...] mas, acima de tudo, entrava o cheiro do abacateiro, o cheiro do abacateiro que estava a acordar” (ONDJAKI, 2006, p. 80).

A apresentação dos diferentes eventos que compõem a história se dá pelos olhos do menino, nascido no pós-independência. A visão desse menino faz com que se construa, de certa forma, uma atmosfera infantil e um foco narrativo ingênuo. Os colegas de classe Murtala, Bruno, Célio, Cláudio, Helder, Petra, Romina e outros também apresentam a visão desse universo rico de fantasias e ingenuidades. Já o camarada António revela-se com uma visão simpática ao colonialismo: “- Menino, no tempo do branco isto não era assim...” (ONDJAKI, 2006, p. 18). António representa a passagem de uma Angola como colônia de Portugal para uma Angola pós-independência.

Pode-se observar que os personagens apresentam diferentes visões de mundo, ou seja, cada personagem representa uma concepção de mundo diferente com relação à situação histórica e social de Angola no período pós-independência. Cabe lembrar aqui do pensamento do teórico Mikhail Bakhtin, que observa a individualidade dos sujeitos falantes, demonstrando, assim, uma multiplicidade de percepções:

As obras de construção complexa [...] são, por sua natureza, unidades da comunicação verbal: são identicamente delimitadas pela alternância dos sujeitos falantes e as fronteiras, mesmo guardando sua nitidez externa, adquirem uma característica interna particular pelo fato de que o sujeito falante — o autor da obra — manifesta sua individualidade, sua visão do mundo, em cada um dos elementos estilísticos do desígnio que presidia à sua obra (BAKHTIN, 1997, p. 298)

Outros personagens importantes na história são os professores cubanos que trazem para a narrativa o olhar dos estrangeiros, o olhar

socialista, o olhar da busca pela liberdade, o olhar do proletariado. Em algumas passagens, aparecem impressionados com a TV em cores e com a fartura de comida ao lancharem na casa de uma das alunas. Em outros momentos, ficam admirados com o fato de os alunos terem relógios de pulso e calculadoras.

A presença desses professores cubanos em Angola vai além da ficção. Antes da independência do país (ocorrida em 1975), três movimentos de libertação são criados: a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), a Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Apesar dos grupos lutarem pela independência do país e pelo fim do colonialismo, eles apresentavam diretrizes ideológicas diferentes. A guerra civil inicia-se, então, após Agostinho Neto, líder do MPLA, assumir a presidência do país. O MPLA, marxista, tinha o apoio da União Soviética, principalmente de Cuba. Em outubro de 1975, os cubanos instalaram-se em Angola e controlaram a cidade de Luanda e outras regiões da costa, como a Província de Benguela e a cidade de Lobito.

2. “A água é que traz todo aquele cheiro que a terra cheira depois de chover”

Além de a narrativa trazer alguns fatos reais de Angola, como a presença dos professores cubanos, também apresenta outro tema, privilegiado e recorrente no romance em questão, que é a esperança. O início da maioria dos capítulos é marcado pelo amanhecer e pelos cafés (*matabichos*³) tomados na casa do menino. Essa marca do amanhecer pode

3. Termo que nasce na época colonial de Angola. Refere-se à primeira dose de aguardente que os trabalhadores braçais tomavam, pela parte da manhã, como algo que “matava o bicho da fome”, já que eles não tinham o que comer. Com o tempo, esse termo passou a ser utilizado como sinônimo

ser interpretada como sendo uma renovação, como sendo as mudanças que poderão vir com o nascer do sol e a esperança de dias melhores com o novo que se aproxima. A esperança também pode ser comparada com a água, bastante citada no livro: “a água é que traz todo aquele cheiro que a terra cheira depois de chover, a água é que faz crescer novas coisas na terra, embora também alimente as raízes dela, a água faz ‘eclodir um novo ciclo’” (ONDJAKI, 2006, p. 137).

A esperança ultrapassa as linhas da ficção e toma lugar entre um povo que viveu durante muitos anos a guerra em seu país. O ano de 1979 é marcado pela morte de Agostinho Neto. O ministro de Planejamento, o engenheiro José Eduardo dos Santos torna-se seu sucessor, assumindo também a presidência do MPLA. Na década de 1980, nem os conflitos, nem as mortes cessam. Mas o ano de 1988 traz esperança ao povo angolano. Em dezembro é assinado, em Nova Iorque, um acordo entre os governos de Angola, da África do Sul e de Cuba, que previa, dentre outras coisas, a retirada dos cubanos e das tropas sul-africanas de Angola, e a negociação de paz entre o governo de Angola e a UNITA. Em maio de 1991, o governo de Angola e a UNITA assinam um acordo de paz e marcam, para o ano seguinte, as primeiras eleições livres e democráticas no país.

Em entrevista ao site da *SaraivaConteúdo*, Ondjaki relata sobre a esperança e a capacidade de sonhar, inventar e reinventar em meio à guerra e aos conflitos que assolaram o país: “o povo angolano sofreu muito por várias razões – a guerra e outras privações –, mas nunca perdeu essa capacidade de sonhar”⁴. E continua, em seu romance:

de “desjejum” e se consolidou, nos países africanos de língua oficial portuguesa e em Portugal como sinônimo de “pequeno almoço”, isto é, a primeira refeição do dia.

4. ONDJAKI. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Videos/Post/43056>>. Acesso em 06 set. 2012.

Aumentadas ou não aumentadas, em Luanda era possível acontecerem coisas destas [...] Ê!, aqui em Luanda, não se pode duvidar das estórias, há muita coisa que pode acontecer e há muita coisa que, se não pode, arranja-se uma maneira de ela acontecer. [...] aqui em Angola já não dá pra duvidar que uma coisa vai acontecer... (ONDJAKI, 2006, p. 108)

Conclusão

Percebe-se que há, em *Bom dia Camaradas*, diversas passagens que demonstram a proximidade entre a ficção, escrita por Ondjaki, e a realidade vivida pelo próprio autor. A ficção e a realidade se entrelaçam em sua narrativa, trazendo aspectos do universo infantil, através do olhar do menino-narrador e de passagens que condizem com a própria história de Angola. Ondjaki e o personagem principal da história convivem de perto com a guerra, com a violência, com a pobreza em uma Angola pós-independência. Além disso, encontra-se, em meio à guerra civil, a delicadeza, a sutileza, a simplicidade e, mais do que isso, a busca por dias melhores, e o olhar além do horizonte – a esperança de um novo mundo. O presente trabalho buscou, por meio de passagens da narrativa e de elementos da história de Angola, demonstrar como a ficção e a realidade se encontram no livro de Ondjaki.

O nascer, o mudar, o reinventar e o sonhar encontrados entre o povo angolano, junto com a busca pela paz e pelas renovações, permeiam a trama do romance de Ondjaki. *Bom dia camaradas* vai além da ficção e apresenta uma fase da história de Angola em que a promessa do fim da guerra se anunciava. Os professores cubanos vão embora e a chuva chega trazendo a esperança de dias melhores.

Referências

ALMANAQUE ABRIL. Disponível em: <<https://almanaque.abril.com.br>>. Acesso em 27 ago. 2012.

BAKTHIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KAZUKUTA. Disponível em: <<http://www.kazukuta.com/ondjaki/>>. Acesso em 02 set. 2012.

ONDJAKI. *A bicicleta que tinha bigodes*. Lisboa: Caminho, 2011.

_____. *actu sanguíneu*. Luanda: INALD, 2000.

_____. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

_____. *Dentro de mim faz Sul, seguido de actu sanguíneu*. Lisboa: Caminho, 2010.

_____. *E se amanhã o medo*. Lisboa: Caminho, 2005.

_____. *Há prendisajens com o xão*. Lisboa: Caminho, 2001.

_____. *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas*. Lisboa: Caminho, 2009.

_____. *Momentos de aqui*. Lisboa: Caminho, 2001.

_____. *O assobiador*. Lisboa: Caminho, 2002.

_____. *O leão e o coelho saltitão*. Lisboa: Caminho, 2008.

_____. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

_____. *O voo do golfinho*. Lisboa: Caminho, 2009.

_____. *Quantas madrugadas tem a noite*. Lisboa: Caminho, 2004.

_____. *Ynari: a menina das cinco tranças*. Luanda: Chá de Caxinde, 2003.

_____. *Ondjaki e a oralidade africana*. (Entrevista concedida a Ramon Mello - SaraivaConteúdo, em 23 de julho de 2009. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Videos/Post/43056>>. Acesso em 06 set. 2012.

RUFFATO, Luiz. Bom dia, camarada leitor brasileiro. In: ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006, pp. 9-1.